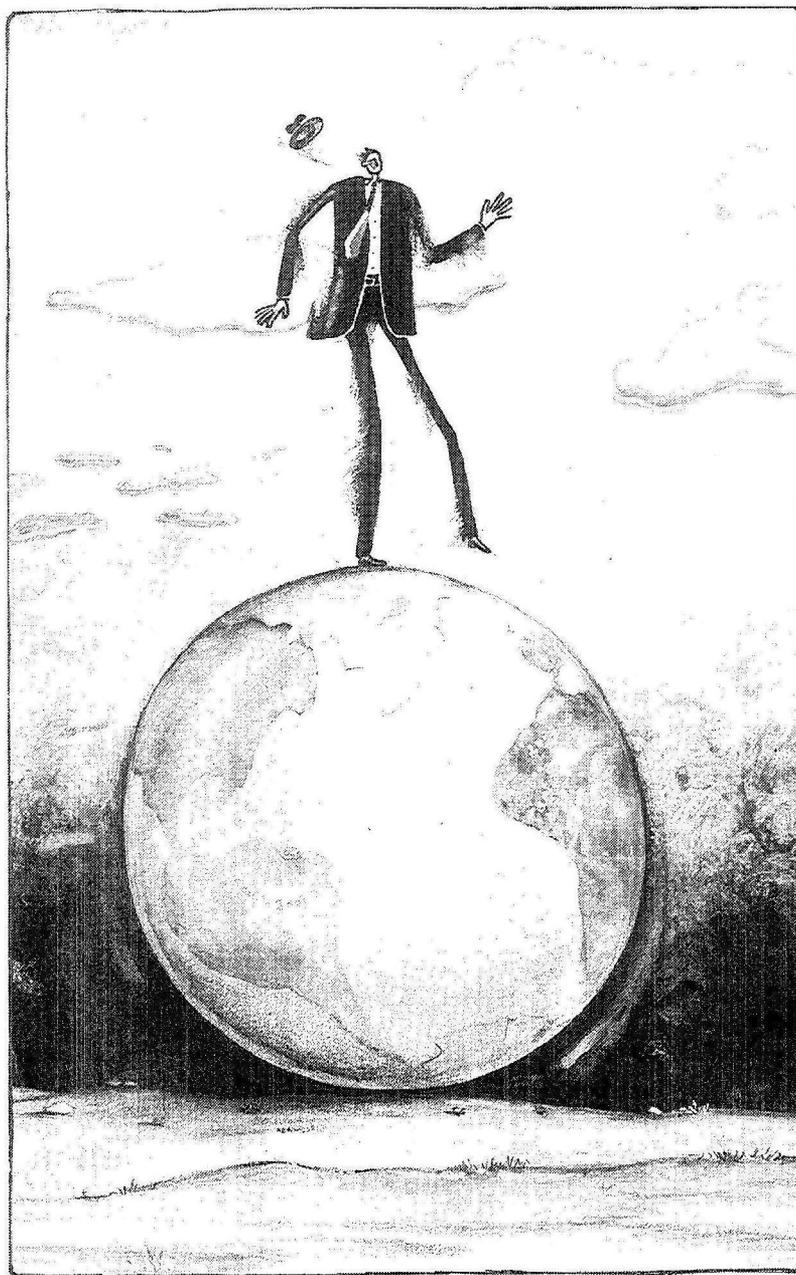


# Globalização criticada

A política de globalização da economia é crescentemente criticada. Depois de parecer uma tendência ou orientação arrasadora, revelou seus desvios e inconveniências. Ninguém nega a interpenetração e mesmo a interdependência dos povos, pelo desenvolvimento científico e tecnológico, pela economia, pelos modos de convivência. Mas a globalização aproxima os povos, não os confunde, não lhes tira a personalidade própria. Como a globalização praticada vem significando, cada dia mais, domínio de umas sobre outras comunidades e sem corrigir as desigualdades sociais, a resistência e a crítica se mostram vigorosas, em nome do bem-estar geral dos indivíduos e da autonomia dos povos.

Num artigo, como este, não cabe extensa análise da questão. É próprio, entretanto, em função dos interesses nacionais, invocar pensamento brasileiro insuspeitado, para apontar os erros da globalização atual. Em artigo do mês de maio findo, Dom Lucas Morêira Neves, cardeal culto e atento às questões sociais, salientou ser necessário “globalizar a solidariedade”, tendo em vista, sobretudo, os direitos do trabalho e do trabalhador. Ponderou que “a globalização da economia e do mercado” deve submeter-se a “exigências éticas e jurídicas”. E admitiu a liberdade de mercado, “desde que a mercadoria não seja a pessoa humana”. Com pensamento convergente e baseado na observação direta da vida internacional, o embaixador Rubens Ricupero, em artigo também de maio, judiciosamente opõe restrições “aos hinos de louvor à glória da economia globalizada”. Revelando senso da realidade, aquiesce em que “o bem geral da humanidade pode



talvez aconselhar a integração dos mercados e a abolição das barreiras ao investimento”. Adverte, porém, com larga compreensão social: “A verdadeira globalização não é apenas a unificação dos mer-

cados ou do espaço econômico. Essa é uma visão reducionista que rebaixa o fenômeno a um dos seus componentes. A globalização é, na verdade, ou deve ser a unificação em dimensão planetária do espaço

para a ação e a promoção do homem em todos os campos de bem-estar material e espiritual”.

Já neste mês de junho, o jornal *O Estado de S. Paulo*, de orientação notoriamente conservadora, observou em editorial, inspirado no escritor e jornalista americano William Greider, que “a globalização dos mercados e da economia trouxe, é verdade, um inusitado surto de crescimento, mas de forma alguma os frutos de tanta prosperidade estão sendo distribuídos de maneira equânime”. Reconhece que “as forças do mercado não têm o poder de corrigir esta distorção, a não ser com uma lentidão que apenas contribuirá para o agravamento do desastre social, com reflexos negativos sobre os regimes democráticos”. E aponta a necessidade de ação das “mãos tangíveis dos homens em posição de responsabilidade”. Também de agora é o relatório da ONU sobre o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, reconhecendo que a pobreza subsiste no Brasil, em medida lamentável. A apuração feita verificou que, acima da média, morrem sessenta em cada mil crianças, com menos de cinco anos de idade. E o analfabetismo continua inquietante.

Há que rever os caminhos até aqui seguidos, para que o crescimento material, benéfico a minorias, não anule a conquista do bem-estar dos seres humanos em geral, finalidade do verdadeiro desenvolvimento. Globalização que não acarrete a melhoria das condições de vida das pessoas, é generalização da miséria. Todo governo há de atentar nisso, se busca, realmente, o apoio do povo.